

# REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO EM INGLÊS E PORTUGUÊS BRASILEIRO: OBSERVAÇÕES INICIAIS<sup>1</sup>

Leland McCleary\*

Evani Viotti\*

**RESUMO:** Segundo Talmy (2003b), todas as línguas orais gramaticalizam uma seleção de elementos determinantes da representação espacial a partir de um inventário universal. Esses elementos são agrupados em esquemas que as línguas disponibilizam, ainda segundo Talmy, em formas de classe fechada (gramaticais). Este artigo inicia uma investigação sobre a representação do espaço no português brasileiro (PB) a partir de uma comparação de alguns esquemas espaciais do PB com os do inglês. Os resultados indicam que, para representar o espaço, o PB depende menos do que o inglês de formas de classe fechada, e mais da composição sintática de formas de classe aberta (lexicais). Isso sugere uma revisão da importância atribuída por Talmy às formas de classe fechada na representação do espaço.

**PALAVRAS-CHAVE:** esquemas espaciais, gramaticalização, preposições, representação espacial.

## Introdução

Em trabalhos recentes, Talmy (2000, 2001, 2003a, 2003b) propõe a integração dos inúmeros fatores que

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa maior, que tem por objetivo investigar a representação do espaço no português brasileiro (PB) e na língua de sinais brasileira (LSB). A investigação tem dois aspectos: um, eminentemente descritivo, visa ao levantamento e análise das propriedades da LSB, em especial do que tem sido considerado seu sistema de classificadores espaciais; o outro, de cunho teórico, é o de verificar as propostas de Talmy sobre o sistema de representação espacial lingüístico e suas conclusões sobre as causas das diferenças entre línguas de sinais (LSs) e línguas orais (LOs) com relação à estruturação do espaço.

\* Universidade de São Paulo – USP.

têm sido considerados determinantes da representação espacial em todas as línguas orais (LO) já descritas e estudadas, em um sistema único e universal, que deveria, portanto, valer para todas as línguas naturais.<sup>2</sup>

A proposta de um sistema universal de representação espacial parte da observação de que todas as línguas orais gramaticalizam agrupamentos de elementos espaciais fundamentais, selecionados a partir de um inventário de elementos distribuídos em um número limitado de categorias, cada categoria contendo um número limitado de opções. Esses agrupamentos, ou esquemas, são expressos nas línguas, segundo Talmy, em formas de classe fechada (FCF). Por “formas de classe fechada”, Talmy entende o subsistema da gramática das línguas que abrange formas que são pouco numerosas e cujo número dificilmente aumenta. Entre elas estão as formas presas de flexão e formas livres como preposições e conjunções. As formas de classe fechada diferem das de classe aberta (FCA), compostas de elementos bastante numerosos e cujo número pode aumentar facilmente, como radicais de nomes, verbos e adjetivos. Segundo Talmy, a diferença entre as FCAs e as FCFs é que as primeiras “carregam sentidos” (são *meaning-bearing*) enquanto as últimas “carregam estrutura”. Talmy considera que os esquemas de representações do espaço que uma língua disponibiliza nas FCFs são estruturantes, mas que essas estruturas “pre-programadas” das FCFs são sujeitas a “propr-

---

<sup>2</sup> Segundo Talmy, as LSs apresentam uma estruturação da representação do espaço que difere substancialmente da estruturação espacial de LOs. As LSs parecem representar o espaço por um sistema que se aproxima mais das características da análise espacial própria da percepção visual (“*structural characteristics of scene parsing in visual perception*”) para marcar distinções mais finas, a partir de um inventário que contém mais elementos, mais categorias, e mais elementos por categoria. Essas diferenças colocam um desafio à universalidade do sistema único de estruturação espacial. Partindo do pressuposto de que as línguas de sinais, tanto quanto as línguas orais, são línguas naturais, o objetivo da comparação dos dois sistemas de representação do espaço é o de determinar quais das características podem ser atribuídas a um sistema lingüístico comum (presumivelmente universal), e quais devem ser consideradas adaptações desse sistema básico em função do modo (oral ou sinalizado) em que a língua se realiza.

idades e processos” característicos das línguas orais pelos quais elas podem sofrer extensões ou distorções. Essa “flexibilização” dos esquemas possibilita que, a partir de um número limitado de esquemas gramaticalizados<sup>3</sup> de uma língua, representem-se estruturas espaciais de um número muito maior de cenas.

Essas propriedades (como “neutralidade topológica”) e os processos (como “extensão a partir do protótipo” (*extendibility from the prototype*), ou “distorção” (*stretching*), na visão de Talmy, não fazem parte integral do sistema básico de representação do espaço da línguas orais (composto pelas FCFs, que são especificamente dedicadas a esse fim), mas são propriedades e processos mais gerais que interagem com esse sistema. Os efeitos dessa interação observados por Talmy são sempre efeitos das composições sintáticas que se fazem com formas lexicais. Como vai ficar claro ao longo deste trabalho, os dados apresentados para o PB justificam questionar a separação categórica feita por Talmy entre os recursos de representação de espaço gramaticalizados em FCFs e aqueles disponibilizados pela língua nas FCAs.

Nosso ponto de partida foi uma comparação de alguns esquemas gramaticalizados em FCFs no inglês com a correspondente representação do espaço no PB. Os resultados obtidos até o momento indicam que o PB depende significativamente menos do que o inglês do uso de formas de classe fechada para representar o espaço, precisando, em várias instâncias, valer-se das classes abertas para realizar essa representação. Esse fato, por si só, já sugere que a demarcação que Talmy propõe entre LOs de um lado, e LSs de outro, no que diz respeito à estruturação do espaço, pode não ser tão clara quanto parece.

---

<sup>3</sup> Embora Talmy não use o termo “gramaticalização” para caracterizar o processo de fixação dos esquemas em FCFs, o uso se justifica pelo fato de as FCFs serem consideradas formas “gramaticais” (ao contrário das “lexicais”) e de serem, na maioria, tanto as livres quanto as presas, resultado de um processo de gramaticalização, com perdas de conteúdo semântico e fonológico.

No item 2, apresentamos as linhas gerais da proposta de Talmy para o sistema de representação da estrutura do espaço em LOs, segundo o qual elementos fundamentais são agrupados em categorias e combinados em esquemas pré-fixados em FCFs. No item 3, detalhamos o sistema, ilustrando, com exemplos do inglês, a metodologia de análise para a identificação dos elementos, das categorias e dos esquemas. No item 4, fazemos uma comparação entre a esquematização do inglês e a do PB.<sup>4</sup> No item 5, apresentamos algumas questões a respeito do sistema descrito por Talmy, levantadas a partir da comparação inicial da representação espacial do inglês com a do PB.

## **1. A representação da estrutura espacial nas LOs segundo Talmy**

Para Talmy, as línguas orais usam FCFs para expressar *esquemas* espaciais relativamente fixos. Esses esquemas são compostos de *elementos* conceituais fundamentais escolhidos a partir de um número limitado de *categorias*. O conjunto de elementos constitui um inventário relativamente fechado e supostamente universal. A gramaticalização dos esquemas pode ser efetivada por morfemas gramaticais livres ou presos, como afixos de flexão ou preposições. Esse modelo poderia ser ilustrado da seguinte forma:

Imaginemos que nosso inventário consiste em vinte elementos fundamentais, e1 a e20, distribuídos em quatro categorias, C1 a C4. A distribuição se dá da seguinte forma:

C1 [e1 a e3]

C2 [e4 a e8]

---

<sup>4</sup> Agradecemos a Tarcísio de Arantes Leite o exercício inicial de levantamento das possibilidades de tradução entre os exemplos em inglês de Talmy e as expressões de representação do espaço em PB.

C3 [e9 a e15]

C4 [e16 a e20]

Os esquemas são conjuntos de elementos selecionados a partir das diversas categorias, de forma que cada esquema representa uma combinação única de valores das categorias. No exemplo abaixo, os esquemas E1 a En combinam os elementos e1, e2, e3, ..., no conjunto ao lado:

E1 [e1, e5, e14, e18]

E2 [e3, e9, e20]

E3 [e5, e17]

E4 [e2, e7, e10, e17]

etc.

Cada esquema é expresso, segundo Talmy, por um morfema (FCF). É importante observar que, segundo Talmy, os elementos selecionados pelas línguas faladas são de natureza *discreta*, ou seja, não contínua (o que não permite a representação analógica do espaço).<sup>5</sup>

O levantamento do inventário, ou seja, das categorias e dos elementos fundamentais para a estruturação espacial, é feito a partir de uma metodologia particular. Partindo de uma determinada FCF de representação espacial, a análise é feita por meio da comparação de situações adequadamente representadas com o emprego daquela FCF. Os parâmetros da cena descrita são modificados um a um a fim de determinar os limites de aplicação daquela FCF em particular. Esse método é complementado por uma comparação entre esquemas. Qualquer elemento que se mostrar significativo para uma FCF, em qualquer língua falada, entra no inventário universal. Os elementos são agrupados em categorias conforme sua relação de exclusão mútua. Talmy exemplifica esse procedimento por meio de FCFs do inglês. Na próxima seção, vamos primeiro ilustrar o método de análise de Talmy, usando uma palavra do in-

<sup>5</sup> Essa característica representa um nítido contraste entre LSs e LOs, porque nas LSs, os elementos selecionados permitem a representação analógica ou icônica do espaço.

glês. Em seguida, vamos elaborar alguns comentários a respeito do método. Por fim, vamos contrastar a representação espacial do inglês com a do português do Brasil.<sup>6</sup>

## 2. O sistema

### 2.1 A metodologia analítica: a identificação dos elementos dos esquemas

A título de ilustração do método, Talmy faz uma análise da forma *across*, uma FCF espacial do inglês, que, para ele, é uma preposição. Podemos iniciar a investigação considerando uma cena tipicamente expressa por *across*, como mostra a sentença (1):

(1) There's a barrier across the road.

A primeira observação é a de que a cena pode ser segmentada em dois objetos em relação um com o outro: um objeto Figura (*barrier*, 'barreira') e um objeto Fundo (*road*, 'estrada'). Vai ficar claro adiante que há outro objeto de relevância chamado Objeto de Referência Secundária (ORS). No caso de (1), os ORSs são as coordenadas da superfície da Terra que estabelecem a horizontalidade.

Analisando a cena, observamos que os dois objetos, Figura e Fundo, são corpos que têm uma dimensão maior ("comprimento") e uma menor ("largura"), esta última finita; que o Fundo é um objeto planar; que o comprimento da Figura se orienta perpendicularmente em relação ao comprimento do Fundo, os dois na horizontal; e que as pontas da dimensão maior da Figura atingem (ou avançam sobre) as laterais do Fundo.

Poderíamos objetar que vários aspectos descritos derivam não da FCF *across* em si, mas das palavras lexicais da sentença. A palavra *barrier*, combinada com a palavra *road*, por exemplo, traz

---

<sup>6</sup> A ilustração aqui apresentada difere substancialmente da análise feita por Talmy. As diferenças de interpretação, porém, não comprometem a demonstração do método.

informações com respeito à provável orientação, formato e tamanho do objeto. Mas considere-se a seguinte frase:

(2) There's something across the road,

em que *something* não traz nenhuma informação com respeito à Figura. Mesmo assim, a cena imaginada não difere em nenhum aspecto básico da de (1), o que indica que, até esse ponto, o esquema proposto por Talmy para a forma *across* funciona bem. A Figura pode ser qualquer tipo de objeto, desde que atinja as duas laterais do Fundo; e o Fundo pode ser qualquer tipo de objeto que seja plano e que tenha limites laterais:

(3) There's a wire / beam of light / pile of rocks / trail of ants across the road.

Podemos entender melhor que alguns dos elementos que participam do esquema de *across* são, de fato, os acima mencionados, quando substituímos *across* por *on*, e comparamos (2) com (4):

(4) There's something on the road.

A sentença (4) não faz nenhuma exigência de que os limites do objeto Figura atinjam as laterais da estrada (é neutra a esse respeito). A única exigência é a de que o objeto esteja em contato com a superfície. Em uma sentença como

(5) There's a wire / board / pile of rocks / trail of ants on the road,

a interpretação que se tem é a de que a Figura está localizada no meio, ou possivelmente em contato com uma das laterais da estrada. Mas, crucialmente, a sentença *não* implica que a Figura atinge as duas laterais do Fundo. O exemplo (6), com *over*, por outro lado, é ambíguo:

(6) There's something over the road.

No caso da sentença (6), há duas possibilidades para o objeto Figura: a) que ele esteja acima da superfície da estrada (sem contato

direto), estendendo-se ou não sobre uma ou duas das laterais, ou b) que ele esteja em contato direto com a superfície e que, nesse caso, esteja atingindo necessariamente as duas laterais e cobrindo uma parte significativa da superfície:

- (7) a. There's a fly / cloud / wire over the road.  
b. There's some water / a blanket / a pile of rocks over the road.

Comparando-se *wire across the road* com *wire on / over the road*, podemos ver que o esquema de *across* obriga a que o fio atravessasse a estrada de lado a lado, sem dizer respeito ao contato ou não com a superfície; o esquema de *on* obriga a que o fio esteja em contato com a superfície, sem dizer respeito à sua extensão até as duas laterais (pode ser um pequeno pedaço de fio no meio da estrada); e o esquema de *over* obriga a que o fio *não* esteja em contato com a superfície (porque no caso de *a wire*, não há como um único fio cobrir parte significativa da superfície), mas não diz nada a respeito da orientação do fio em relação ao eixo principal da estrada, e nem aonde vão as pontas do fio em relação às laterais da estrada. Sabemos que um fio *across the road* que não esteja em contato com a superfície também estará *over the road*, mas o contrário não será necessariamente verdade.

Comparando-se agora *blanket across the road* com *blanket on / over the road*, verificamos que *across* obriga a transversalidade do cobertor, de lado a lado da estrada, e sugere, ou que o cobertor esteja enrolado ou esticado, ou, se estendido, que o comprimento do cobertor esteja perpendicular ao comprimento da estrada, em contato com a superfície ou não. *Blanket on the road* não diz respeito à extensão ou orientação, só que ele está em contato direto. E *blanket over the road* obriga (se em contato) a que o cobertor esteja estendido, cobrindo a superfície da estrada, inclusive, de preferência, as laterais.

Até agora, a análise mostrou alguns elementos espaciais essenciais ao esquema de *across*: Figura, Fundo, ponto (como limite

de linha), linha, plano (superfície), limite, perpendicularidade, comprimento, largura. Esses elementos, então, nos termos do modelo de Talmy, fazem parte do inventário universal de elementos espaciais disponíveis às línguas orais. Elementos relativos a outros esquemas são: adjacência / contato (essencial para o esquema de *on*)<sup>7</sup> e verticalidade (essencial para o esquema de *over*).<sup>8</sup> Outros elementos considerados por Talmy como essenciais para *across* são paralelismo, horizontalidade e magnitude relativa (Talmy 2003b: 212).

O elemento paralelismo, segundo Talmy, entra em dois momentos: nas laterais do Fundo, e na orientação da Figura (como linha) em relação ao plano do Fundo. Curiosamente, no entanto, não podemos dizer que esse elemento, embora “essencial”, seja obrigatório. Consideremos o seguinte exemplo:

(8) There's a wire across the road *strung from the top of the telephone pole on the left to the ground on the right.*

A locução grifada tem a função de desautorizar a interpretação *default* do paralelismo da Figura em relação ao plano do Fundo; sem a locução, a interpretação sem dúvida seria a de que o fio estivesse esticado (ou deitado) paralelamente à superfície da estrada. O mesmo acontece em relação à condição de perpendicularidade do eixo da Figura em relação ao eixo do Fundo:

(9) There's a crack across the road *at a sharp angle / at about a 45° angle.*

Da mesma forma que acontece em (8), a interpretação *default* de perpendicularidade em (9) pode ser anulada com o acréscimo de uma descrição específica. Talmy trata dessa flexibilidade de aplicação dos esquemas em termos de generalizabilidade e de variabi-

<sup>7</sup> O elemento “adjacência” é incluído por Talmy no esquema de *across*. Discordamos dessa conclusão, como demonstra nossa análise de sentenças como *There's a wire / beam of light across the road.*

<sup>8</sup> Isso é verdade quando o Fundo está na horizontal.

lidade a partir de esquemas *prototípicos* (a serem tratados em mais detalhes no item 3.4 abaixo).<sup>9</sup>

Diferentemente de Talmy, porém, achamos difícil sustentar que o esquema de *across* carrega a necessidade de as laterais do Fundo serem *paralelas*. A nosso ver, basta que elas sejam *opostas*:

(10) There's a cable stretched across the (circular) pond.

O elemento horizontalidade, um elemento que faz referência ao ORS,<sup>10</sup> parece, à primeira vista, derivar do paralelismo, quando se trata de um Fundo na horizontal, como uma estrada ou um lago. Mas se substituirmos o Fundo por um objeto vertical, como uma parede, fica evidente que a horizontalidade (bem como o paralelismo) continua sendo um atributo essencial da Figura:

(11) a. There's handwriting across the wall.

b. \*There's handwriting across the wall *vertically*.

Da mesma forma que antes, existe uma certa flexibilidade, e essa horizontalidade (e a própria linearidade) prototípica pode ser atenuada na composição com palavras lexicais:

(12) Her necklace *draped across* her neck.

Finalmente, a restrição da magnitude relativa mencionada por Talmy faz com que a Figura não seja maior do que o Fundo em todas as dimensões:

(13) *Drape* the blanket over / \**across* the coffee table.

O modelo de Talmy estabelece que procedimentos como esses devem ser repetidos com várias FCFs do maior número possível de LOs, para que se possam determinar quais os elementos de cenários espaciais que são passíveis de gramaticalização e expressão em FCFs, e que devem fazer parte do inventário universal.

<sup>9</sup> O uso do conceito de interpretação *default*, nessa exposição, é nosso.

<sup>10</sup> Lembramos que ORS refere-se a "Objeto de Referência Secundária".

## 2.2 As categorias

Os elementos básicos descobertos pelo método analítico e comparativo não estão todos disponíveis, ao mesmo tempo, para a combinação em esquemas: alguns elementos excluem outros. Com base nesse fato, os elementos são agrupados em categorias. As categorias tipicamente contêm um número reduzido de elementos que se excluem mutuamente.<sup>11</sup> A título de ilustração, apresentamos algumas categorias e seus elementos:

### 2.2.1 Dimensão: ponto (dimensão zero); linha (dimensão um); plano (dimensão dois); volume (dimensão três)

No esquema de *across*, a Figura deve poder ser esquematizável como uma linha, enquanto o Fundo deve poder ser esquematizável como um plano, como visto acima. Já o esquema de *near* requer apenas que o Fundo seja esquematizável como um ponto; o esquema de *along* requer que o Fundo seja esquematizável como uma linha; e o esquema de *through* exige que o Fundo seja esquematizável como um volume.

- (14) a. There's a pile of rocks across the \*post / road / \*balloon.
- b. There's a pile of rocks near the post / road / balloon.
- c. There's a pile of rocks along the \*post / road / \*balloon.
- d. There's a beam of light through the \*post / \*road / balloon.

### 2.2.2 Número: um; dois; vários; muitos

Exemplificando, o inglês *near* esquematiza um único objeto Fundo, enquanto *between* preconiza dois objetos Fundo, *among* vários objetos Fundo e *amidst* inúmeros objetos Fundo.

<sup>11</sup> A presente exposição simplifica a de Talmy, concentrando-se nas categorias próprias dos componentes individuais da cena e nas relações de um componente com o outro.

- (15) a. There's a fox between the house and the garage.  
b. There's a fox among the chickens.  
c. There's a fox amidst the stampeding buffalo.

### 2.2.3 Estado móvel: móvel; estático

Em inglês, preposições podem requerer uma Figura ou um Fundo em movimento ou estático:

- (16) a. I stayed / \*went *at* the library. [Figura estática]  
b. I \*stayed / went *into* the library. [Figura em movimento]  
c. The lion ran *up to* the deer. [Fundo estático]  
d. The lion ran *after* the deer. [Fundo em movimento].

Aparentemente, segundo Talmy, nenhuma língua oral expressa, em FCFs, a distinção entre movimento rápido / lento; ou entre estado estático parado / fixo.

### 2.2.4 Direção: default e contrária

Algumas FCFs implicam uma direcionalidade específica em relação ao Fundo ou ao ORS:

- (17) a. The boat moved *with* / *against* the current.  
b. Mary is *ahead of* / *behind* John in line.

### 2.2.5 Tipo de geometria: retilinear ou radial

Em inglês, os esquemas de *across* / *along* / *through* implicam uma geometria retilinear, enquanto os de *around* / *about* / *over* implicam uma geometria radial (em / por volta de um ponto central).

### 2.2.6 Orientação relativa: paralelo; perpendicular; oblíquo

Exemplos de elementos dessa categoria são encontrados na discussão acima sobre *across*.

### 2.2.7 Distância: incluído; próximo; distância média; distante

- (18) The ball landed *in* / *near* / *away from* / *far from* the playground.

A exposição acima apenas ilustrou o princípio pelo qual as categorias são estabelecidas. Para uma explanação mais detalhada, ver Talmy (2003b).

### 3. A combinação dos elementos em esquemas

Até agora, a exposição abordou o processo de identificação dos elementos pelos métodos analítico e comparativo e seu agrupamento em categorias. Segundo Talmy, ainda não se entende o que regula a combinação dos elementos em esquemas gramaticalizados nas línguas naturais orais. Os esquemas tendem a ser complexos (como exemplificado com o esquema de *across*), e não são idênticos de língua para língua. Apesar de o inventário ser supostamente universal para as línguas orais, parece não constituir um conjunto fechado de elementos ou categorias. Ou seja, se for encontrada alguma língua que apresente um esquema gramaticalizado que inclua outro elemento, de outra categoria, o inventário vai ter que incluí-lo. Segundo o próprio Talmy, explicar quais são as regras ou as motivações de combinação dos elementos em esquemas é o maior desafio do modelo. Voltamos adiante a essa questão.

#### 3.1 A natureza dos esquemas

Durante quase toda a explanação do modelo, Talmy nos dá a entender que os esquemas são bastante rígidos. Essa rigidez só é relativizada quando ele fala de *propriedades* e *processos* que podem ser aplicados a esquemas pré-fixados para que eles possam se adaptar a representações de espaço não-canônicas. Talmy sugere que tais propriedades e processos devem fazer parte do sistema básico das línguas faladas para permitir que um número reduzido de esquemas gramaticalizados em FCFs possa ser usado na descrição de um vasto número de estruturas espaciais encontradas em um número ainda maior de cenas (Talmy 2003b: 222).

Uma das *propriedades* é a de que os esquemas são neutros em relação à escala. *Across*, por exemplo, pode ser usado para descrever uma cena em que Figura e/ou Fundo tenham centímetros ou

milhares de quilômetros. Outra é a de que os esquemas são neutros em relação à forma específica. Um caminho linear, por exemplo, pode ser reto ou curvilíneo; um plano pode ser ondulado ou acidentado. É por esse motivo que *across*, que esquematiza uma linha perpendicular, pode ser usado em frases como *draped across her neck* or *zigzagged across the room*, em que o sentido prototípico é relaxado na composição com palavras de classe aberta.

Essa propriedade de neutralidade (de escala ou de forma) é aproveitada por um processo chamado “extensão a partir de um protótipo”, em que os valores abstratos prototípicos dos esquemas (e.g. linearidade, planaridade, perpendicularidade) são adaptados para corresponder a um número maior de situações específicas. Alguns exemplos foram dados acima: a sentença (1), por exemplo, estende a linha esquemática da Figura a um objeto volumoso (a ‘barreira’); os exemplos (8) e (9) modificam o valor prototípico do paralelismo e da perpendicularidade do esquema de *across*, respectivamente,. Podemos ainda ilustrar esse processo comparando o esquema de *across* com o de *through* no que diz respeito à planaridade do Fundo. Como foi dito, *across* escolhe o elemento “Fundo plano”, enquanto *through* escolhe “Fundo volumoso”. Se o Fundo pode ser concebido ora como extensão plana, ora como espaço volumoso, vai ser possível obter-se uma interpretação com os dois esquemas:

- (19) a. John walked *across* / \**through* the road.  
b. John walked \**across* / *through* the fog.  
c. John walked *across* / *through* the room / field / parking lot.  
d. They traveled *across* / *through* the mountains.  
e. They traveled \**across* / \**through* / *over* the mountain.

Os exemplos em (19) mostram como os esquemas se adaptam até certo ponto às outras palavras com que se compõem, e ao mesmo tempo imprimem uma determinada interpretação, na cena potencialmente ambígua. Acima, em todos os exemplos de adapta-

ção do esquema prototípico, a interpretação se dá pela composição com outros itens lexicais. Curiosamente, Talmy, em nenhum momento, menciona essa composicionalidade como o mecanismo pelo qual processos de extensão são efetuadas. Essa omissão, como ficará mais claro adiante, ganha maior gravidade quando se considera que, em algumas línguas, a quase totalidade do trabalho que Talmy atribui aos esquemas expressos em FCFs é distribuída por itens lexicais de classe aberta.

Outro processo de adaptação mencionado por Talmy é o de “extensão de dimensões”, em que um esquema concebido com um elemento em uma dimensão pode ser aplicado a uma situação que eleva aquele elemento para outra dimensão. O exemplo dado por Talmy é de *out*, que contém um ponto se distanciando de um ponto central ao longo de um raio. O mesmo esquema básico pode ser adaptado, trocando-se a Figura por uma linha, uma superfície ou um volume:

- (20) a. The boat sailed out from the island.  
b. The ripple spread out from where the pebble hit the water.  
c. The oil spread out from the boat.  
d. The balloon puffed out as I blew into it.

Outro processo é o de “extensão sobre estados de movimento”, o que explica o uso do mesmo esquema (por exemplo do de *across*) para cenas em movimento ou estáticas:

- (21) a. The tree fell across the road.  
b. There's a fallen log across the road.

Por fim, Talmy chama de “estiramento”, o processo pelo qual uma característica prototípica de um esquema é relaxada para acomodar outras situações. Por isso é que se pode dizer:

- (22) a. I swam across the swimming pool / canal. [de lado a lado]  
b. I swam across the swimming pool / \*canal. [de ponta a ponta]

No caso de (22)b, a restrição de que a relação *across* pertence ao atravessamento no sentido da largura, e não do comprimento, é relaxado no caso da piscina, mas não pode ser esticado a ponto de admitir a extensão toda do canal.

Da mesma forma, embora o esquema de *across* implique o contato com as duas laterais, essa restrição pode ser relaxada para autorizar situações como as seguintes, em que todos os outros elementos estão presentes:

- (23) a. The shopping cart rolled across the avenue and was  
hit by a car.  
b. The tumbleweed rolled across the prairie for an hour.

### **3.2 Resumo e comentários iniciais**

Até agora, objetivamos descrever o sistema elaborado por Talmy para a representação do espaço em línguas orais, baseados (como no original) em exemplos do inglês. O sistema entende que as línguas orais gramaticalizam, por meio de formas de classe fechada (segundo Talmy, no caso do inglês, por meio de preposições), esquemas espaciais compostos de conjuntos de elementos básicos selecionados de um inventário supostamente universal de tais elementos, organizado em categorias, com poucos membros por categoria. Os esquemas representados pelas FCFs servem de base para compor uma infinidade de representações, dadas as propriedades de neutralidade e os processos de adaptação e de anulação dos elementos através da ação de outros componentes (palavras lexicais, de classes abertas) na sentença.

Uma crítica ao sistema que vai ficar mais evidente com a comparação com o PB, é sua insistência na distinção entre a ação de FCFs e a de FCAs. Se essa distinção se justificasse por uma demonstração de que os esquemas de FCFs tivessem características comuns, diferentes das de FCAs (ou seja, se o processo de gramaticalização tratasse de selecionar algumas possibilidades de combinação e não outras), a análise seria mais convincente. Mas esse não parece ser o caso, como admite o próprio Talmy.

A nosso ver, as FCFs fazem sua contribuição para a composição da representação do espaço, mas sem nenhum *status* especial. A análise do inglês, talvez, leve o analista a dar uma ênfase maior ao papel das FCFs por causa da distinção relativamente clara entre as FCAs (principalmente verbos e nomes) e as FCFs (principalmente preposições e satélites de verbo). No PB, esse não é o caso. Vai ficar evidente que uma parte maior da tarefa de construir a representação do espaço no PB recai sobre as FCAs. Mesmo no inglês, a distinção entre o papel das FCFs e o das FCAs na representação do espaço não nos parece tão nítido. Em primeiro lugar, a nosso ver, não é tão claro que *across* seja indiscutivelmente uma preposição.<sup>12</sup> Em segundo lugar, o esquema de *across* empresta a quase totalidade de seus elementos do verbo lexical *cross* e do substantivo *cross*, tendo se originado no século XV do sintagma nominal “*a cross*”. Por outro lado, existem locuções preposicionais, ainda em fase de gramaticalização, que se confundem com FCAs, mas que entram no sistema de Talmy sem comentários. Se *near* funciona como preposição (*near the river*), o mesmo não acontece com *far* (\**far the river / far from the river*).<sup>13</sup> E se *far from* deve ser considerado uma FCF, porque não *a long way from*? Por outro lado, se *far* não atingiu o estatuto de FCF, *near* também não, haja vista o fato de poder aparecer no grau comparativo, que, em geral, se aplica a FCAs como

---

<sup>12</sup> Gertjan Postma (c.p.) sugere que *across* é um advérbio, que não precisa necessariamente ser seguido de uma preposição. Essa sugestão é baseada no fato de que, em holandês, o equivalente a *across*, e às várias outras FCFs que representam espaço em inglês, são, claramente, advérbios que vêm seguidos de uma preposição. O enquadramento de *across* como advérbio não invalida por si só a afirmação de Talmy de que os esquemas são fixados em FCFs. Entretanto, chama a atenção para o fato de que os processos de gramaticalização operam sobre as formas lexicais de maneira desigual. O resultado disso é a possibilidade de co-existência de nomes, verbos, adjetivos, advérbios, preposições, locuções preposicionais, satélites de verbos e flexões compartilhando, todos, as mesmas funções de representação do espaço.

<sup>13</sup> Fenômeno semelhante acontece com o par *ahead of / behind*, em que *behind* representa uma fase de gramaticalização mais avançada do que *ahead*, e *ahead* uma fase mais avançada do que *in front of*.

adjetivos e advérbios, em uma estrutura idêntica à preposicional: *nearer the river* (já no superlativo essa forma híbrida não é tão tranquila: *?nearest the river / nearest to the river*).

A resposta de Talmy a Bowerman (1989)<sup>14</sup> é significativa nesse contexto. Bowerman contesta a afirmação de Talmy de que o inventário de elementos constitui um legado universal (e inato). Segundo Bowerman, em coreano, *kkita* significa 'colocar a Figura no Fundo em um encaixe justo' e *nehta* significa 'colocar em um encaixe frouxo'.<sup>15</sup> Bowerman sugere que tais elementos – 'encaixe justo' e 'encaixe frouxo' – são raros entre as línguas, e que não devem derivar de um inventário pré-estabelecido e inato. Talmy, defendendo o estatuto especial das FCFs, alega que *kkita* e *nehta* devem ser considerados FCAs, e portanto, devem estar sujeitos à semântica das classes abertas que, segundo diz, "envolve um subsistema cognitivo diferente, valendo-se de discriminações mais finas apanhadas de um universo perceptual / conceitual mais abrangente". Como ficará mais evidente no caso do PB, essa distinção entre FCF, modalização e FCA, da qual o sistema de Talmy depende, pode se mostrar difícil de se manter.

#### 4. O contraste entre a representação do espaço no inglês e no PB

Podemos começar a comparação do funcionamento do sistema no inglês com seu funcionamento no português observando o comportamento dos exemplos, ao traduzí-los. Já de início, vê-se que, no caso do exemplo (1) de *across*, a expressão da mesma cena em PB não pode ser feita por meio de uma FCF equivalente:<sup>16</sup>

<sup>14</sup> Bowerman, M. (1989). Learning a semantic system: What role do cognitive predispositions play? In M.L.Rice & R.L.Schiefelbusch (eds.) *The Teachability of Language*. Baltimore: P.H.Brookes Pub.Co.

<sup>15</sup> Em inglês, "put [Figure] in a snug / loose fit with [Ground]".

<sup>16</sup> Para fins da discussão do contraste entre o inglês e o português, assumimos neste momento, sem maiores discussões, que *através* é uma FCF, embora saibamos que essa categorização é questionável.

(24) \*Tem uma barreira através da estrada.

Para expressar-se a mesma cena em português, é necessário usar-se uma forma verbal:

(25) Tem uma barreira atravessada na estrada.

Uma primeira observação que se pode fazer é a de que *através* não é um equivalente para *across*. De fato, comparações de boas sentenças com *através* mostram que o esquema de *através* mais se aproxima ao esquema de *through*, do inglês:

(26)a. Eles abriram um túnel através da montanha.

b. They dug a tunnel through the mountain.

(27) a. A luz entrava através das janelas de mosaico.

b. The light entered through the stained-glass windows.

Mesmo algumas boas sentenças com *através*, que poderiam ser confundidas com sentenças em inglês com *across*, mostram que o sentido é outro:

(28) a. Eles viajaram através das pradarias por vários dias.

b. They traveled ?across / over / through the prairies for several days.

Na sentença (28)a, do PB, a interpretação que se faz é a de que a viagem não chega até o outro lado das pradarias. Diferentemente, em (28)b, na sentença com *across*, a leitura é a de que a intenção da viagem é nitidamente a de chegar ao outro lado (um elemento do esquema de *across*), o que não é verdade nas sentenças com *over* ou *through* (ou *através*). Em inglês, *over* licencia a interpretação de 'as pradarias' como um plano curvo cujos limites não são todos visíveis; *through* licencia a interpretação de que 'as pradarias' constituem um *espaço* pelo qual a viagem ocorre (comparar com (19)c).

Esses exemplos ilustram que o *across* do inglês e o *através* do PB diferem, no mínimo, por um elemento da relação Figura / Fundo. No inglês, *across* só se aplica a uma cena em que a Figura se situa paralela à superfície de um objeto Fundo planar, numa rela-

ção específica com suas laterais, enquanto no PB, *através* representa uma relação em que uma Figura transfixa um objeto Fundo tridimensional,<sup>17</sup> um esquema representado no inglês com *through*.

Entretanto, não queremos dizer com isso que *through* e *através* são perfeitos sinônimos, como os seguintes exemplos ilustram:

(29) a. He hammered a nail through the board.

b. \*Ele martelou um prego através da tábua.

c. Ele bateu um prego que atravessou a tábua.<sup>18</sup>

(30) a. Frankenstein's creature has a pin through his neck.

b. \*A criatura de Frankenstein tem um pino através do pescoço.

c. A criatura de Frankenstein tem um pino atravessado no pescoço.

Em trabalho paralelo, Viotti & McCleary (em preparação) mostram, com esses e outros exemplos, que sentenças com *através* só são boas quando o sintagma adjunto encabeçado por *através* tem escopo sobre um eventualidade<sup>19</sup> expressa por um predicado que tenha uma estrutura de evento do tipo processo (atividade) ou que tenha como subevento uma transição (*achievement*) ou um processo (*accomplishment*). *Através* não pode ter escopo sobre um estado ou sub-evento estativo.<sup>20</sup> Essa explicação dá conta da inaceitabilidade de (29)b, em que *através da tábua* tem escopo sobre o estado final (resultado) do martelamento, e (30)b, em que *através do pescoço*, tem escopo sobre o estado do pino. Diferentemente, em (26)a, *através da montanha* tem escopo sobre o *abrir* do

<sup>17</sup> Ao que parece, a leitura relativa à chegada ao outro lado depende da caracterização do Fundo. Se o Fundo é sólido, a leitura necessária é a de que a ação se completa ao chegar do outro lado. Se o fundo não for sólido, como o espaço das pradarias, tanto *through* quanto *através* não causam essa obrigatoriedade.

<sup>18</sup> Uma outra sentença equivalente e (29)c é "Ele bateu um prego na tábua e varou."

<sup>19</sup> Usamos o termo *eventualidade*, seguindo sugestão de Emmon Bach, para referirmo-nos a qualquer acontecimento real, seja ele do tipo evento (*accomplishment* ou *achievement*), do tipo atividade, ou do tipo estado.

<sup>20</sup> Para uma análise de estrutura de eventos, ver Pustejovsky (1995).

túnel e não sobre o resultado final da abertura. Em (27)a, *através das janelas* claramente remete à luz *entrando*. E em (28)a, *através das pradarias* remete ao *viajar*.

Resumindo nossa análise de *através* até este ponto, vimos que essa forma do PB, apesar de ser o único candidato entre as possíveis FCFs da língua para cobrir os campos semânticos representados no inglês por *across* e *through*, não só se limita esquematicamente à parte referente a *through*, como também se limita, dentro desse campo, apenas aos eventos ou sub-eventos do tipo processo ou transição. Como já foi indicado nos exemplos, as outras cenas espaciais representadas em inglês por *through* e *across* não podem se valer de FCFs em PB, mas têm que ser expressas por meio de FCAs: o verbo *atravessar* e seus derivados *atravessado* e *de atravessado*.

Vejamos agora algumas sentenças com *atravessar*. Em (31), *atravessar* parece corresponder ao verbo (FCA) do inglês *cross*:

- (31) a. Eles atravessaram as pradarias em dois dias.
- b. Uma fileira de formigas está atravessando a parede.
- (32) a. They crossed / drove across the prairies in two days.
- b. A line of ants is crossing / is marching across the wall.

Nos exemplos (a) em (31) e (32), é interessante observar a relação entre o uso da expressão *em dois dias* / *in two days* e a aceitabilidade das sentenças. Se, ao invés dessas expressões, tivéssemos *por dois dias* / *for two days*, as sentenças seriam inaceitáveis. Isso reforça a idéia de que os esquemas associados às formas *atravessar* e *cross* implicam a necessidade de a ação de atravessamento chegar ao outro lado do objeto Fundo, chegando a um estado resultativo. O mesmo pode-se dizer das sentenças (b). Apesar de os verbos estarem no aspecto imperfectivo e de a ação não estar completa, a interpretação que se faz é a de que as formigas vão atravessar a parede de lado a lado. Note-se que, em PB, o uso de *através* com uma expressão como *em dois dias* produz sentenças ruins (\*Eles viajaram através das pradarias em dois dias), reforçando nossa sugestão de que adjuntos encabeçados por *atra-*

vés só podem ter escopo sobre o sub-evento processo, e não sobre o sub-evento estativo correspondente ao resultado de uma ação.

Apesar da aparente semelhança entre os esquemas expressos por *atravessar* no PB e *cross* no inglês, existe uma diferença entre eles. As sentenças do PB em (31) apresentam uma ligeira ambigüidade. O Fundo pode ser interpretado tanto como planar quanto como tridimensional, embora consideremos que haja uma grande preferência por essa segunda possibilidade. No caso de (31)b, por exemplo, a interpretação não-marcada que se faz é a de que a fileira de formigas está atravessando a parede de um lado a outro em sua profundidade, embora possamos também, mais marcadamente, fazer uma leitura de que as formigas estão atravessando a parede em sua superfície. Essa possível ambigüidade não acontece com *cross*, que expressa unicamente um esquema em que o Fundo é planar. Em (33), o uso do *atravessar* em combinação com o sintagma *pela parede* na sentença (a), e o uso da forma gerundiva, na sentença (b), privilegiam a leitura do Fundo como tridimensional. O fato de, nesses contextos, o Fundo ser um objeto tridimensional faz com que *atravessar* não mais corresponda ao verbo *cross*.

(33) a. Os homens da Telefônica atravessaram um fio pela parede.

b. Tem uma barra de aço atravessando o muro.

No inglês, não existe um verbo correspondente a *cross* que sirva nessa situação, mas a cena pode ser representada com uma locução com *through*:

(34) a. The telephone company men strung the wire through the wall.

b. There's a steel bar stuck through the wall.

Note-se que em todos os exemplos do PB, a eventualidade do atravessamento é representada por um predicado cuja estrutura de evento inclui um processo ou transição. Isso se observa até no caso de (33)b, em que a eventualidade do atravessamento é parte

de uma sentença existencial, que representa, em seu conjunto, uma eventualidade maior do tipo estado.

Com base nesses dados, podemos sugerir que o esquema prototípico de representação espacial do morfema *-traves* (formador tanto de *através*, quanto de *atravessar*) é algo como “agente transfixa uma Figura por um Fundo tridimensional”.<sup>21</sup> Posto nesses termos, o esquema captura dois valores que são cruciais para o conceito do morfema *-traves*: a) a sensibilidade que esse morfema do PB apresenta em relação à estrutura do evento da sentença na qual ele aparece, por meio da inclusão, no esquema, da noção de agentividade e da ação de transfixação; e b) o fato de que o uso prototípico do morfema está relacionado a um objeto Fundo tridimensional e não planar. Note-se a grande diferença que parece existir entre um esquema que encontramos no português e os esquemas que Talmy propõe para o inglês. Em nenhum dos casos analisados ou mencionados por Talmy, qualquer referência é feita ao tipo de eventualidade a que a FCF se refere, o que sugere que esse não parece ser um elemento relevante para a representação espacial do inglês. Diferentemente, em PB, esse elemento é crucial para a caracterização do esquema expresso pelas formas derivadas de *-traves*.

Para cancelar esse efeito presente nas formas *atravessar* e *através*, o PB lança mão de processos derivacionais, típicos de FCAs. Assim, com o uso do participio *atravessado*, verifica-se uma mudança na situação. Em uma sentença como (35)a, a forma *atravesada* aplica-se sobre o estado resultante da ação de *atravessar*. Não só isso, mas a leitura preferencial que se faz do Fundo é a de que ele é um objeto planar, e que a barra de aço está colocada sobre a parede na horizontal:

---

<sup>21</sup> Estamos usando a noção de ‘agente’ de maneira intuitiva, para significar que existe uma ação que foi desencadeada por alguém ou alguma coisa com força motriz, própria ou adquirida. Esse uso não deve ser confundido com a noção de agente desenvolvida nas teorias relativas a papéis temáticos.

- (35) a. Tem uma barra de aço atravessada na parede.
- b. Tem uma barra de aço atravessada no muro.
- c. Tem uma barra de aço atravessada no pescoço do monstro.

A comparação entre as três sentenças em (35) revela que, com *atravessado*, o verbo perde parte da força verbal presente no esquema “agente transfixa uma Figura por um Fundo tridimensional”. Mais especificamente, o particípio passado reforça o sub-evento estativo que faz parte da estrutura lexical de *atravessar*. Em (33)a, com a presença do Agente, e o verbo estando conjugado, essa força verbal domina a interpretação. Ao mesmo tempo, privilegia a leitura de que existe uma transfixação de um Fundo tridimensional. O sub-evento processo da estrutura lexical de *atravessar* é que é reforçado. Em (33)b, mesmo sem que o Agente responsável pela ação de *atravessar* esteja expresso, a leitura canônica continua, pela força verbal que a forma do gerúndio ainda mantém. Em (35)b, ao contrário, as duas leituras são permitidas. A sentença nos parece bem ambígua, podendo a barra estar transfixa pelo muro ou deitada em cima do muro de atravessado (como seria o caso de se ter um guarda-chuva atravessado na cama). Já em (35)c, a única leitura disponível é a de que a barra transfixa o pescoço. O que nos parece acontecer é que no caso de *atravessado*, competem igualmente a expressão do sub-evento processo com a expressão do sub-evento estado final (resultado), os dois contidos na estrutura de evento de *atravessar*. A leitura depende da composição com o Fundo: quando o Fundo é preferencialmente concebido com uma superfície plana (*parede*), a leitura mais acessível é a estativa, de posicionamento horizontal ((35)a); quando o Fundo é preferencialmente concebido com um corpo tridimensional (*pescoço*), a leitura mais acessível é a processual, de transfixação do volume (35)c; e quando o Fundo permite as duas concepções, a sentença fica ambígua.

Esse processo de esvaziamento da força verbal parece se reforçar com a expressão *de atravessado*, em que um esquema pura-

mente espacial (e estático) – “o eixo principal da Figura se orienta perpendicularmente em relação ao eixo principal do Fundo, preferencialmente na horizontal” – é o que resta dos esquemas espacial e verbal da forma *atravessar*.

- (36) a. Eu cortei o tecido listado de atravessado.
- b. Esse centro de mesa fica melhor de atravessado.
- c. A gente deve colocar esta colcha na cama de comprimento ou de atravessado?

Essa locução parece atender um nicho semântico antigamente preenchido por *de través*, um sintagma adverbial que partilhava com *através* o esquema espacial inerente à raiz *-traves*: o primeiro esquematizando a orientação eixo principal de Figura / eixo principal de Fundo e o segundo esquematizando a transfixação do Fundo pela Figura.

## Conclusões

Só com essa breve exposição, podemos levantar algumas questões a respeito do sistema de análise da representação do espaço em línguas orais proposto por Talmy.

### 1. A distinção entre FCFs e FCAs

A distinção entre formas de classe fechada (morfemas presos ou livres) e formas de classe aberta (palavras lexicais) é central à análise que Talmy faz da representação do espaço em línguas orais. Segundo Talmy, o trabalho de esquematizar o espaço é assumido nas línguas orais principalmente por um sub-conjunto de FCFs especializadas; e são essas FCFs que se valem do inventário supostamente universal de elementos espaciais para construir seus esquemas. Aliás, é a partir de uma análise dessas formas que o inventário é constituído. As FCAs, por outro lado, segundo Talmy, também podem ser usadas para representar o espaço, porém pertencem a *outro sistema* (presumivelmente não universal) capaz de

“fazer discriminações mais finas, dentro de uma esfera perceptual / conceptual mais abrangente” (Talmy 2003: 220). Levantamos várias objeções a essa premissa:

### **1.1. FCAs e FCFs compartilham os mesmos esquemas espaciais e os mesmos processos de elaboração**

Não é difícil encontrar pares de FCAs e FCFs relacionados historicamente que remetem aos mesmos esquemas espaciais. Como mencionado acima, a única diferença entre o verbo *cross* e a preposição *across*, a nosso ver, é que o verbo mantém uma estrutura de evento própria da classe verbal. Os esquemas espaciais são idênticos. Se as FCAs são capazes de “fazer discriminações mais finas” não é por terem esquemas espaciais mais discriminatórios; é pelo mesmo caminho que as FCFs também acabam fazendo discriminações mais finas: por composições com *outras* palavras, FCAs ou não.

### **1.2. Não é possível demarcar com clareza o domínio das FCAs e das FCFs**

A ênfase na distinção entre FCFs e FCAs, central ao sistema de representação espacial de Talmy, acaba sendo sua maior fraqueza. Já levantamos algumas questões a respeito da independência entre essas duas categorias de palavras. Diacronicamente, no inglês, constata-se que as preposições derivam de locuções nominais, verbais ou preposicionais em que a maior parte dos elementos do esquema espacial vem da contribuição de substantivos ou adjetivos / advérbios. De *top*, temos *atop*; de *side* temos *beside*. Ao lado desses, sincronicamente, temos outras locuções ainda em processo de gramaticalização: *atop*; mas também *on top of* e ainda *on the top of*. Esses últimos dificilmente poderiam ser considerados FCFs, dadas as locuções *on the side of / on the front door of / on the second rung of*, etc.<sup>22</sup>

<sup>22</sup> Esse “vazamento” do inventário não passou despercebido por Talmy (2003b: 219).

Em outras línguas modernas, como o holandês, por exemplo,<sup>23</sup> essas relações são todas expressas por sintagmas adverbiais, como também é o caso do português, com *através de* e todos os outros sintagmas adverbiais de locação (*longe de / perto de / acima de / abaixo de / fora de / dentro de*, etc.). Se as FCFs, que supostamente não expressam “conteúdo semântico”, mas sim “conteúdo estrutural”, segundo Talmy, são preposições “pesadas”, carregadas do conteúdo semântico das suas palavras de origem, ou mesmo locuções contendo advérbios carregados de conteúdo semântico, a distinção entre FCFs e FCAs nos parece questionável.

Por outro lado, não nos parece justificado estabelecer uma distinção nítida entre as preposições de um lado e as locuções preposicionais do outro, já que existem pares como *near / ?near to* e *\*far [PREP] / far from* que exercem exatamente a mesma função, com esquemas espaciais correspondentes.

### **1.3. Preposições, especificamente, como representantes das FCFs, são consideradas “lexicais” por outros subsistemas da gramática**

Também não nos parece justificável classificar as preposições como tendo uma função “gramatical” só porque podem ser consideradas FCFs. Em outras teorias da gramática, faz-se uma distinção entre as preposições “lexicais” e as “gramaticais” que são desprovidas de sentido próprio. Essas últimas, sim, além de serem semanticamente vazias (sem conteúdo semântico, mas também sem conteúdo estrutural), são extremamente escassas na língua, ou seja, são, de fato, FCFs .

### **1.4. Línguas orais que têm um elenco pobre de FCFs para representarem esquemas espaciais têm outras maneiras de representá-los**

Línguas como o português ou o holandês, que expressam suas relações espaciais quase que exclusivamente através de locuções

<sup>23</sup> Agradecemos essa observação a Gertjan Postma.

verbais, nominais ou adverbiais não por isso, a nosso ver, se valem se um sistema de representação mais – e nem menos – fino do que línguas como inglês, que têm um conjunto rico de preposições (e satélites de verbo) espaciais.

O trabalho de levantar o inventário de distinções espaciais expressas pelas línguas orais do mundo nos parece válido, mas não vemos necessidade de limitá-lo àquelas distinções gramaticalizadas em FCFs, já que foi demonstrado por Talmy que tal método parece não levar a um inventário fechado, mas sim inclusivo. Como foi mostrado, as FCFs tendem a ser alimentadas pela gramaticalização de locuções semanticamente pesadas; portanto, sem que o processo de gramaticalização se mostre seletivo a tipos de elementos espaciais, o inventário tende a crescer para incluir qualquer relação passível de ser expressa por outros meios.

**ABSTRACT:** *According to Talmy (2003b), all oral languages make selections of spatial elements from a universal finite inventory of such elements which they combine into whole schemas expressed by closed-class forms. This article initiates an investigation of spatial representation in Brazilian Portuguese (PB) beginning with a comparison of the representation, in PB, of certain spatial schemas expressed in English by prepositions. Results indicate that spatial representation in PB relies much less heavily than English on the expression of spatial schemas in closed-class forms and more heavily on syntactic composition of open-class (lexical) forms. This suggests that the importance attributed to closed-class forms in spatial representation by Talmy be revised.*

**KEYWORDS:** *grammaticalization, prepositions, spatial representation, spatial schemas.*

## BIBLIOGRAFIA

- TALMY, L. (2000) *Toward a cognitive semantics*, vol. 1: Concept structuring systems. Cambridge: MIT Press.

- TALMY, L. (2001) Spatial structuring in spoken and signed language. Paper presented at the 7th International Cognitive Linguistics Conference, 2001, Santa Barbara, California, EUA.
- TALMY, L. (2003a) The representation of spatial structure in spoken and signed language. In Emmorey, K. (ed.) Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- TALMY, L. (2003b) The representation of spatial structure in spoken and signed language: A neural model. Language and Linguistics v.4, n.2, p.207-250. Disponível em: <<http://www.ling.sinica.edu.tw/publish/LL4.2-02-Talmy.pdf>>. Acesso em 22/10/2003.
- PUSTEJOVSKY, J. (1995) The generative lexicon. MIT Press.
- VIOTTI, E. & McCLEARY, L. (em preparação). Notas sobre a representação espacial do português brasileiro: através, atravessar, de atravessado. Ms. USP.